

CASTRO, ISMAELINO DE

*militar; rev. 1930; junta gov. PA 1930; rev. 1932.

Otávio Ismaelino Sarmiento de Castro nasceu no Pará no dia 21 de maio de 1905, filho de Manuel Ismael de Castro e de Otávia Sarmiento de Castro.

Estudou inicialmente no Colégio Perseverança e depois no Colégio Progresso Paraense, onde frequentou o curso comercial. Diplomado guarda-livros, trabalhou na firma M. I. Castro, especializada em caixas de madeira para exportação de borracha e castanhas. Em 1920 ingressou no Ginásio Pais de Carvalho. Em setembro de 1921 sentou praça como recruta de ensino da Escola Regimental do 26º Batalhão de Caçadores (26º BC), sediado em Belém. Em janeiro de 1922 foi transferido para o Pelotão de Metralhadoras Pesadas dessa unidade, em maio seguinte para a sua 2ª Companhia e, finalmente, em agosto, para a sua secretaria, como datilógrafo. Em março de 1923 tornou-se cabo chefe de peça efetivo e transferiu-se para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, onde se matriculou na Escola Militar do Realengo e foi classificado na arma de infantaria em março de 1924. Concluindo o curso, foi declarado aspirante a oficial em janeiro de 1928 e em março retornou ao 26º BC. Nessa época, lecionou aritmética no Ginásio Pais de Carvalho. Em agosto do mesmo ano foi promovido a segundo-tenente e em agosto de 1930 a primeiro-tenente.

Ao desencadear-se a Revolução de 1930, no início de outubro, tornou-se um dos chefes do movimento no Pará, liderando a revolta no 26º BC. Diante da reação da Força Pública paraense, foi obrigado a retirar-se para a cidade de Viseu (PA), na fronteira com o Maranhão. Dirigiu-se em seguida para Carutapera (MA) e desceu o rio Gurupi para fazer contato com os efetivos revolucionários em operação no Norte do país. Preso pela Força Pública em Bragança (PA), foi conduzido a Belém, onde chegou ainda no mês de outubro. Consolidada a vitória da revolução no dia 24 de outubro, passou a integrar, ao lado dos primos Abel e Mário Chermont, líderes civis do movimento rebelde no estado, a junta provisória de governo que substituiu o governador Eurico de Freitas Vale. Essa junta, que atuaria apenas de 24 a 26 de outubro, foi substituída pelo tenente Landri Sales, que também ficou no governo apenas dois dias. No dia 28 foi criada uma nova junta governativa, mais uma vez composta por Ismaelino de Castro e Mário Chermont, e ainda o tenente Antônio Rogério Coimbra. A nova junta permaneceu no cargo até 12 de novembro, quando assumiu o governo o tenente Joaquim de Magalhães Barata, nomeado interventor federal no Pará

por Getúlio Vargas, chefe do governo provisório.

Tornando-se assistente militar do interventor, Ismaelino de Castro foi reintegrado ao 26º BC e em janeiro do ano seguinte assumiu o comando da 2ª Companhia dessa unidade. Ainda em 1930, foi enviado a Fordlândia (concessão de terras feita ao industrial americano Henry Ford, às margens do rio Tapajós, para exploração da borracha) com a missão de pacificar um movimento de trabalhadores que, em sinal de protesto, tinham danificado uma serra elétrica utilizada na exploração de madeira. Tendo sido bem-sucedido na missão, e estando matriculado na Faculdade de Direito de Belém, no dia 15 de novembro de 1931 foi nomeado secretário do Interior e Justiça do Pará.

Ainda em 1931 participou da constituição do Partido Liberal (PL) do Pará, fundado em dezembro por iniciativa do interventor Magalhães Barata, e tornou-se membro do primeiro diretório da agremiação, ao lado dos irmãos Chermont e de José Carneiro da Gama Malcher, entre outros. Como os demais partidos criados nessa época pelos interventores estaduais, o PL do Pará apoiou abertamente a política de Getúlio Vargas, congregando as forças que tinham promovido a Revolução de 1930 no estado.

Os desentendimentos entre Ismaelino de Castro e o interventor começaram, porém, a se tornar frequentes, culminando com a designação por Magalhães Barata do então secretário da Fazenda, Clementino Lisboa, ao invés de Ismaelino, para ocupar a interventoria durante sua viagem à capital federal. Diante disso, em abril de 1932, Ismaelino pediu exoneração do cargo de secretário do Interior e passou para a oposição. Posicionando-se contra a legislação trabalhista do então ministro do Trabalho, Lindolfo Collor, por considerar que defendia ideias contrárias às propostas pela Revolução de 1930, fez de sua própria casa a sede da Legião Paraense do Trabalho. Em artigo publicado no *Estado do Pará* em 14 de junho de 1932, criticou a exigência de sindicalização do operário prescrita pelo Ministério do Trabalho, observando que aquelas leis não satisfaziam as aspirações mínimas do proletariado do resto do país. Quanto à Legião, no mês seguinte definiu-a como o órgão oficial trabalhista no Pará e como uma tentativa de resolver a questão proletária brasileira, buscando acomodar os interesses dos proletários com o dos patrões, de quem aqueles não deveriam se afastar, pois estes possuíam o capital necessário à sociedade.

Em setembro de 1932, durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo, foi transferido para o Rio de Janeiro a fim de juntar-se às tropas que combatiam os revolucionários

paulistas. Ainda no mesmo mês, participou de operações militares contra os rebeldes em várias localidades do estado de São Paulo. Após a derrota dos revoltosos em outubro do mesmo ano, permaneceu por algum tempo na capital da República, regressando no fim do ano a Belém. Em janeiro de 1933 reassumiu suas funções de ajudante do 26º BC e, em caráter interino, a chefia da 2ª Circunscrição de Recrutamento.

Nas eleições de 3 de maio de 1933 para a Assembleia Nacional Constituinte candidatou-se a deputado, considerando-se um representante da “mocidade paraense”, formada por acadêmicos das faculdades de Belém, “sem compromissos político-partidários com quaisquer agremiações”. Obtendo apoio da Federação dos Capacetes de Aço e da Mocidade Estudantina, apresentou plataforma política, sob o título “Palavras únicas”, em que defendia a anistia ampla para os crimes políticos e seus derivados, a liberdade de imprensa, a remodelação do ensino secundário e a estabilidade da função pública, medidas destinadas à reabilitação da Revolução de 1930. Realizadas as eleições, foi contudo derrotado.

Em agosto de 1933 foi promovido a capitão e removido do 26º BC para o Batalhão de Guardas, no Distrito Federal. Em dezembro do mesmo ano bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Mesmo fora de seu estado, candidatou-se novamente no pleito de outubro de 1934, agora pela Frente Única Paraense, formada naquele ano por elementos de oposição ao governo do interventor Magalhães Barata. Derrotado mais uma vez, dedicou-se à carreira militar, ao magistério e à advocacia. Permaneceu no Batalhão de Guardas até fevereiro de 1935, quando assumiu as funções de professor de administração, legislação e processo militar da Escola Militar do Realengo. Em outubro seguinte passou a auxiliar de ensino de direito daquele estabelecimento militar, função que exerceu até retornar, em abril de 1936, ao 26º BC na capital paraense.

Em agosto de 1939 foi mais uma vez transferido para o Rio de Janeiro, ficando adido à Diretoria de Infantaria até o mês seguinte, quando passou a servir na 1ª Divisão de Infantaria do 1º Regimento de Infantaria (1º RI) na Vila Militar. De fevereiro a outubro de 1940 fez o curso de aperfeiçoamento da Escola de Armas, na mesma cidade. Foi então transferido para o 14º BC, sediado em Florianópolis, onde, em maio do ano seguinte, assumiu o comando da 1ª Companhia. Em fevereiro de 1942 retornou ao Rio de Janeiro para servir na Diretoria de Recrutamento. Promovido a major em setembro de 1943, foi transferido para Juiz de Fora (MG) em novembro desse mesmo ano para comandar o

Batalhão do 12º RI, e lá permaneceu até dezembro de 1944.

De volta ao Rio de Janeiro, serviu mais uma vez na Diretoria de Recrutamento, de onde foi transferido em julho de 1946 para o gabinete da Diretoria de Ensino de Exército. No primeiro semestre de 1947 foi auxiliar de ensino de direito do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), mas em junho deixou o CPOR para lecionar português no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Em 1949 fez estágio em técnica de ensino e em 1950 fez o curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Em junho desse ano tornou-se membro efetivo do conselho deliberativo do Clube Militar, logo após a eleição do general Newton Estillac Leal, candidato da chapa nacionalista à diretoria do clube e posteriormente ministro da Guerra, no segundo governo constitucional de Getúlio Vargas (1951-1954).

Ainda em setembro de 1950, recebeu a patente de tenente-coronel. No ano seguinte, no I Congresso Nacional de Folclore no Rio, foi premiado pela tese de linguística, “O folclore no ensino de português” (trabalho em parceria com os professores Cavalcanti Proença e José Ramos). No segundo semestre de 1952, tornou-se professor adjunto da cátedra de português do Colégio Militar. Em novembro do mesmo ano foi promovido a coronel e em janeiro de 1956 passou para a reserva no posto de general de brigada e como professor reformado.

Foi ainda redator chefe da *Revista Acadêmica* da Escola Militar e colaborador da *Revista do Trânsito*, da Rádio Esporte em Revista e de *A Manhã*, no Rio, além dos jornais *Estado*, de Juiz de Fora (MG), e *Estado do Pará* e *Liberal*, no Pará. Foi membro da Academia Paraense de Letras, da Federação das Academias de Letras do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e de Sergipe, do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, da Associação de Homens de Letras do Brasil e da Sociedade Brasileira de Cultura.

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 28 de dezembro de 1989.

Era casado com Maria de Lourdes Gonçalves Pereira de Castro, com quem teve uma filha. Publicou, entre outros títulos, *Maria China* (romance folclórico paraense, 1949), *Gotas de glória* (episódios da Força Expedicionária Brasileira – FEB) e *Oitentanos* (1985). A seu respeito foi escrito *De coração aberto: pequena biografia do mestre-escola Ismaelino*.

FONTES: ARQ. MIN. EXÉRC.; CASTRO, M. *De coração*; CRUZ, E. *História do*

Pará; Encic. Mirador; MEIRA, C. Introdução; POPPINO, R. Federal; Rev. Clube Militar (6/50); SILVA, H. 1930.